

[Clique aqui para ampliar](#)

A inquietante estranheza do fenômeno à estrutura*

Marcus André Vieira

Referência:

Vieira, M. A. A inquietante estranheza : do fenômeno à estrutura. *Latusa*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4/5 p. 123-138, 1999.

A inquietante estranheza, o estranho-familiar, o êxtimo são algumas das traduções possíveis do *Unheimlich* de Freud. Elas nos dão uma idéia do tratamento que Lacan dedica a este afeto, reservando a ele, como sabemos, um lugar de honra em seu Seminário *A Angústia*. Não será meu objetivo circunscrever a leitura lacaniana das indicações de Freud acerca do *Unheimlich*, nem tampouco atingir o sentido último do termo. Trata-se de investigar o ponto de torção entre este e a angústia, com o objetivo de apreender em que medida os dois afetos se articulam.

Assim sendo, embora saibamos que Lacan utiliza a análise freudiana do *Elixir do Diabo* e do *Homem de areia* de E. T. A. Hoffmann, para abordar a angústia por meio do *Unheimlich*, não é este o caminho que tomaremos neste trabalho. Será suficiente observar que o método utilizado por Lacan para tratar a angústia a partir destes contos constitui uma aproximação que ignora qualquer definição *a priori* do afeto, tendo como ponto de partida uma descrição de sua essência. Com efeito, em nenhum momento Freud ou Lacan delimitam definições gerais ou universais deste ou daquele afeto. Portanto, de acordo com este método, poderemos partir da idéia de uma relação fundamental entre *Unheimlich* e angústia sem nos obrigarmos a definir objetivamente um ou outro. Poderemos então discutir a diferença entre estes dois afetos, não para delimitar suas essências distintas mas sim para, nos servindo deste par, interrogar a natureza dos pontos de ruptura e das marcas que constituem distinções essenciais no enxame de fenômenos apresentados à consideração clínica.

Deste modo, é preciso afastar a suposição de que o estranhamento e a angústia correspondam a entidades, de essências distintas. Isto constituiria um retrocesso equivalente à crença na existência de distinções dadas *per se* no real. Sabemos, ao contrário, que no real não há ruptura e que é função do simbólico introduzir o corte em seu tecido sem fissuras.¹ Não existem coisas no real que, por isto mesmo, se presentificam quando o mundo tende a desfalecer. Nesta medida, explica-se por que interrogar se há continuidade ou ruptura entre a angústia e o

* Este texto foi extraído de uma das seções de minha tese de doutorado, defendida em 1996 no Departamento de Psicanálise de Paris VIII e publicada pela Presses Universitaires de Rennes (Cf. VIEIRA M.A., *L'éthique de la passion*, PUR, Rennes, 1998.)

estranhamento não constitui a melhor maneira de abordar as relações entre estes dois afetos. Perdem importância as tentativas de distinguir angústia e sentimento de estranheza a partir da descrição de suas formas de apresentação. Sem dúvida, sempre será possível distinguí-los neste plano do fenômeno, do imaginário das figuras formais, individualizadas, por meio do recurso à nomeação. Poderemos sempre encontrar diferenças entre os dois afetos a partir de oposições significativas instauradas entre toda uma série de elementos distintivos, delineando assim fronteiras no interior de um mesmo campo semântico. Isto, entretanto, não garante qualquer articulação com o real. Permanecer no terreno deste tipo de distinção impede-nos de ordenar um campo diverso daquele dos grupos e categorias *a priori*, que faz dos afetos eventos externos ao sujeito, à transferência e à experiência analítica.

Neste ponto, já podemos melhor circunscrever nossa questão. Uma vez que a clínica psicanalítica visa uma determinada reorganização do nó sintomático no plano do real e, uma vez que as distinções são garantidas pela função simbólica, é preciso saber que tipo de descontinuidade garante um acesso ao real do sintoma. Em outras palavras, como a distinção entre os afetos pode transformar-se em ferramenta clínica? Ou ainda, como certas distinções e nomeações podem produzir efeitos sobre o sintoma? Vejamos como esta questão pode ser encaminhada a partir da articulação da angústia com o sentimento de estranheza.

Angústia e *Unheimlich*

Preliminarmente, proponho que consideremos a seguinte tese: nem Freud nem Lacan se baseiam em distinções de ordem fenomênica. Isto pode ser demonstrado com apenas um exemplo: a disjunção entre a ansiedade - tida como mais objetiva - e a angústia - mais subjetiva - tão utilizada pela psiquiatria, não tem para Freud ou para Lacan nenhuma relevância.² Presos a este registro fenomênico, imaginário, é certo que não poderemos distinguir apropriadamente a angústia do estranhamento. Esta indiferenciação não advém de nenhum desinteresse de Freud para com estes afetos. Ao contrário, é justamente a partir de uma superposição entre alguns afetos no plano fenomênico que Freud se permite tecer considerações de estrutura.

Neste sentido, é exatamente por partir da premissa de que o estranhamento é a angústia que Freud decidirá por sua articulação com o recalado. Basta que passemos em revista as três teses centrais do texto de Freud para nos convenceremos disto: 1) a estranheza é solidária da angústia ligada ao complexo de castração; 2) é isto que vemos no retorno constante do mesmo sob a forma do duplo; 3) por isso este estranhamento diz respeito não a algo realmente novo ou

estranho, mas sim a algo bastante familiar (a angústia de castração), há muito estabelecido no psiquismo, que se aliena por meio do trabalho do recalque.³

Desta forma, Freud demonstra que a angústia está ligada ao retorno do recalque e que o recalque transforma aquilo que é mais íntimo ao sujeito naquilo que lhe parece mais estranho. Recalcada, a ameaça de castração adquire este caráter de estranheza, de algo, ao mesmo tempo, interno e estranho, ao que Lacan chamou extimidade. É a partir de Lacan que, referindo-se a operação do recalque à função fálica, podemos perceber que esta se dá sobre um fundo de ausência que é, ao mesmo tempo, velada e desvelada pela angústia. Vislumbra-se assim este mais além do campo edípico-fálico que as teses freudianas permitem depreender sem abordar diretamente. Podemos afirmar, com Serge André, que Freud, por haver retido seu olhar sobre a chave fálica, deixou-se enganar por seu brilho, o que o impediu de tratar mais explicitamente o real em jogo para além do campo fálico.⁴ Foi necessária a leitura de Lacan, para que percebamos que, de certa forma, o inconsciente mente pois o Édipo, como « representação de uma cena primitiva » é, em si, « fechamento, sutura da hiância da causa, (...) disto que se mantém fora da cena, onde se encontra a verdadeira causa do sujeito», inicialmente, no ensino de Lacan, *Coisa*, em seguida, *objeto a*.

Deste modo, Lacan serve-se do *Unheimlich* para mostrar que, nos contornos do texto freudiano, há mais do que Freud disse, introduzindo o objeto *a* a partir destas coordenadas. Anuncia-se já uma distinção, sem dúvida, fundamental, entre os dois afetos: o *Unheimlich* estaria mais intrinsecamente vinculado ao recalque que a angústia. Por hora, entretanto, continuemos nosso exame das indicações de Lacan a respeito do assunto, retomando mais detalhadamente os desenvolvimentos referentes ao estranhamento, antes de tirarmos conclusões.

Uma das primeiras referências ao estranho, se não a primeira, encontra-se no comentário de Lacan sobre uma passagem de *Thomas, o obscuro* de Maurice Blanchot. Trata-se de um ponto que já havia sido abordado no *Seminário I*, onde Lacan apóia-se em Sartre para indicar o momento fundamental em que o sujeito «se vê vendo». Neste ponto, do estranhamento, é suposto um olhar no outro que faz do sujeito objeto. Importa marcar o giro de leitura que se introduz com o recurso a Blanchot no *Seminário IX* com relação a este primeiro balizamento: esta dialética do olhar, que introduz a angústia e o estranhamento, não se refere mais a nenhum objeto humano. Lacan já havia insistido, em sua referência a Sartre, no fato de que a visão dos olhos do outro não é necessária para que ela se instaure. Ele cita como exemplo a sensação de ser olhado por alguém ou alguma coisa que se introduz mesmo diante de uma janela totalmente obscura. Vemos que, mais importante que a materialização de uma figura humana, é necessária apenas uma certa suposição: «basta que alguma coisa me faça supor que um outro pode estar

lá», diz Lacan. Esta desvalorização do outro como par imaginário será ainda mais fortalecida com a teorização do objeto *a*. Podemos observar que na referência a Blanchot, não se trata mais de intersubjetividade. Como mostra esta passagem tão esclarecedora, Thomas é olhado pelas palavras:

Thomas ficou lendo em seu quarto. (...) Aqueles que entravam, vendo seu livro sempre aberto nas mesmas páginas, pensavam que ele fingia ler. Ele lia. Lia com uma minúcia e com uma atenção insuperáveis. Ele estava, diante de cada signo, na situação em que se encontra o macho quando um louva-a-deus fêmea está prestes a devorá-lo. Um e outro se olhavam. As palavras, saídas de um livro portador de um poder mortal, exerciam sobre o olhar que as tocava uma atração doce e pacífica. Cada uma delas, como um olho entreaberto, deixava passar um olhar muito vivo, que em outras circunstâncias, ele não teria suportado. Thomas deslizou então em direção a estes corredores dos quais se aproximou sem defesa até o instante em que foi percebido pelo íntimo da palavra. Isto não era mais assustador, era, ao contrário, um momento quase agradável, que ele gostaria de prolongar. O leitor considerava alegremente esta pequena centelha de vida que ele não tinha dúvidas de haver despertado. Ele se via com prazer neste olho que o olhava. Seu próprio prazer tornou-se muito grande. Tornou-se tão grande, tão implacável, que ele o suportou com uma espécie de pavor, e, levantando-se, momento insuportável, sem receber de seu interlocutor um sinal de cumplicidade, percebeu toda estranheza que havia em ser observado por uma palavra como se ela fosse um ser vivo, e não somente por uma palavra, mas por todas as palavras que se encontravam nesta palavra, por todas aquelas que a acompanhavam e que, por sua vez, continham nelas mesmas outras palavras, como uma sequência de anjos se abrindo em direção ao infinito até o olho do absoluto.⁵

Esta passagem anuncia tanto o apólogo do louva-a-deus do *Seminário X*, quanto a lata de sardinhas do *Seminário XI*. Sobretudo, ela indica que “o objeto humano se distingue, originalmente, *ab initio*, no campo de minha experiência, ele não é assimilável a qualquer outro objeto perceptível, pelo fato de ser um objeto que me olha”.⁶

É justamente ao percorrer o eixo que vai do *Unheimlich*, referido à castração e à imagem do eu - $i(a)$ -, à angústia, situada aquém do recalque e articulada à a , que Lacan introduzirá este objeto impossível. Nossa disjunção entre os dois afetos, entrevista acima, materializa-se neste ponto. Basta pensarmos no apólogo da angústia, colocando-nos no lugar do louva-deus macho que vê seu reflexo nas ocelas de uma fêmea de estatura três vezes maior, e compará-lo à experiência paradigmática de estranheza de Freud em frente à porta de vidro de seu compartimento de trem, para constatarmos que no caso da angústia o duplo não mas comparece.⁷

O objeto

É preciso então que nos reportemos à diferença fundamental entre a e $i(a)$, estabelecida por Lacan logo em seguida à passagem dedicada a Thomas.⁸ Ele indicará que o objeto, por deslocar-se no plano do real, inscreve-se no simbólico unicamente em um casulo imaginário, $i(a)$. É isto que conduz Lacan a dizer que a angústia é sem causa, posto que seu objeto é a , causa impossível do desejo, ou melhor, uma causa que não é significante. Por esta razão, ela não tem conteúdo, não se deixando, tal como o medo, por exemplo, explicar por nenhum objeto do mundo, nenhum complemento de saber, nenhum sentido. Heidegger o indicou com precisão: após uma momento de angústia, se perguntados sobre a causa de nossa crise, só podemos dizer que ‘não foi nada’.⁹

Estes desenvolvimentos estão ligados a um fundamento central: a angústia se situa aquém da imagem do eu, que estrutura-se especularmente a partir da imagem do outro. Podemos considerar pois que nesta distinção entre a e $i(a)$, se concebe e se situa o que é próprio da angústia e o que se refere ao *Unheimlich*.¹⁰

Podemos declinar este dado de estrutura que será desenvolvido adiante: enquanto o *Unheimlich* se refere à Outra cena, a angústia se articula ao real, para além desta. Esta idéia permite afastar uma leitura apressada que identificaria, na tese freudiana segundo a qual o *Unheimlich* é angústia transformada, a concepção de um ser da angústia, primordial, inefável, que se transformaria em estranheza pela ação do recalque.

Para desfazer este mal entendido, Lacan retoma esta ‘transformação’ da angústia num novo plano, o plano da estrutura. Não será mais possível supor qualquer imanência afetiva, mas apenas o efeito de uma determinada posição subjetiva, relativa à medida das relações entre sujeito e Outro. Este jogo posicional não tem, por sua vez, como tal, lugar no nível dos fenômenos. Ao contrário, ele os estrutura e ordena.

Dito isto, é preciso também analisar os riscos que comportaria a supervalorização da estrutura, em detrimento do fenômeno. Considerar o afeto como signo unívoco de uma certa posição subjetiva equivale a afastar a mediação obrigatória do Outro, que impede todo acesso direto ao real e introduz um viés subjetivo incontornável em toda leitura do material clínico. Em consequência disso, é impossível designar uma posição subjetiva determinada para cada afeto, pois, enquanto fenômenos, eles são enganadores – ainda que a angústia constitua aqui uma exceção por conta de seu estatuto particular.

Tomadas estas precauções, podemos retomar agora a nossa questão nos seguintes termos. Passamos de uma distinção essencialista, ou mesmo fenomênica entre *Unheimlich* e angústia a uma distinção estrutural entre *a* e *i(a)*, mas como podemos estar certos de que ela nos informa sobre aquilo que se repete e que retorna sempre ao mesmo lugar, sobre aquilo que se passa, enfim, no plano do real?

A topologia

Tentemos levar um pouco mais longe nossa distinção. Para tanto, nos reportaremos ao *Seminário XII (Problemas cruciais da psicanálise)*, no qual Lacan faz novamente referência ao *Unheimlich*.¹¹ Somos remetidos a um espaço designado como «entre dois imaginários», ou «entre duas esferas». Lacan indica que pensa-se a alma, o espaço psíquico, como um mundo fechado, a partir de uma concepção do universo também como espaço fechado. O *Unheimlich* seria então o sentimento proveniente de um momento de apreensão do infinito que insiste entre estes dois mundos.

*O cosmos é algo que depende de uma construção de natureza perfeitamente a-cósmica. É com isto, com a esfera interna, sob o nome de realidade, que aparentemente temos que tratar numa análise (...). O sujeito representa-se o psiquismo como o avesso de uma realidade, que se torna realidade cósmica. A psicanálise descobre que a passagem pela qual chegamos ao “entre-dois”, do outro lado do avesso (...) é o mundo da outra cena, o mundo do sonho, o Unheimlich.*¹²

Vemos então que o confronto do *Unheimlich* com a angústia nos introduz neste campo onde a imagem do eu está como que suspensa, paralisada em sua função. Neste espaço, o *Unheimlich* se articula a uma vacilação desta imagem

totalizante, engendrando a sensação de despersonalização angustiante que lhe é característica. Esta vacilação implica, forçosamente, uma vacilação do duplo, posto que é a partir deste duplo que a imagem do eu se constitui. Isto implica também uma desrealização do mundo, já que este se dá, assim como a esfera psíquica, como uma duplicação do mundo interno. Vemos o quanto esta estrutura que constitui o eu e seu mundo repousa sobre uma operação de sutura que tenta esconder o infinito. A este espaço entre-dois mundos, que introduz a possibilidade do infinito, articula-se o *Unheimlich*. Pode-se dizer, para tomar de empréstimo o título célebre de Alexandre Koyré, que o *Unheimlich* inserindo-se no ‘entre-duas esferas’ indica a passagem que vai do mundo fechado ao universo infinito, enquanto que a angústia vincula-se ao espaço infinito, resto da operação de sutura do eu, que assombra este último.

O entre-dois

Lacan formula esta mesma idéia ainda de uma outra maneira. Ele sugere que o texto de Freud sobre o *Unheimlich* toca no franqueamento da função paterna, indicando que, ainda que Freud não seja explícito com relação a este assunto, a angústia nos interessa por se ligar ao que está atrás do campo fálico do significante.¹³ Entretanto, enquanto a angústia aponta para além do significante e de sua Outra cena, o *Unheimlich* situa-se em seus bastidores, entre esta e o real. A partir destas considerações, Lacan indica como o *Unheimlich* se apresenta sob a forma de uma profunda ambiguidade que instaura um campo feito de incertezas. Ele o descreve a partir de um exemplo tomado de Freud:

*Você anda de rua em rua, mas um dia acontece que, sem saber porque, você atravessa alguma linha, invisível a seus olhos, e acaba em uma praça onde jamais esteve e que, no entanto, você reconhece como sendo exatamente aquela praça onde se lembra de já haver estado. Ela estava lá, em sua memória, como uma ilhota à parte. Este lugar lembra alguma coisa não percebida. Ele não tem nome, mas se distingue pela estranheza de seu cenário, por aquilo que Freud aponta tão bem como o lugar da ambigüidade que constitui o campo do Unheimlich. Eis aí uma palavra que nos permite tocar a identidade entre o direito e o avesso, este lugar que chamamos Outra cena.*¹⁴

Este lugar corresponde, em certa medida, ao descolamento do real em

relação ao simbólico que, funcionam normalmente como que soldados pelo imaginário. Supõe-se uma existência real a toda casa nomeada, até mesmo, e talvez sobretudo, àquelas que só existem na ficção. Inversamente, não há casa cuja existência real não seja precedida e organizada pelo significante. Ao penetrar entretanto na dimensão do sentido como tal, no que ela tem de construto, o imaginário que lhe constitui torna-se, neste momento, não mais cimento de articulação entre o real e o simbólico, mas espaço aberto ao infinito, moebiano. O desvelamento deste espaço compromete a garantia usual da existência de um dentro e de um fora. Aparece a dimensão de *bricolage* desta construção, mantida enquanto tal por esta gota de cola que fixa a banda de Moebius e lhe dá a aparência de um círculo fechado e que Lacan denominou extração do objeto *a*. Esta operação é assim descrita em seguida por ele:

*A estrutura de linguagem é capaz, não de uma adequação absoluta entre a linguagem e o real, mas de introduzir no real tudo o que nos é acessível de forma operatória. A linguagem entra no real e cria a estrutura. Nós participamos desta operação, e dela participando, somos nela incluídos, implicados numa topologia rigorosa e coerente que faz com que toda porta forçada num ponto desta estrutura não exista sem referência, indicação estrita do ponto onde está a outra abertura. Aqui é fácil evocar a passagem de Virgílio, as duas portas do sonho: porta de marfim e porta de chifre, que nos abrem o campo daquilo que há de verdadeiro no sonho.*¹⁵

Seguindo esta analogia digamos de maneira simplista que a porta de marfim se abre para o simbólico e a de chifre para o real. O sentido do mundo é garantido por um corredor que une as duas portas, espaço imaginário que garante o funcionamento das portas de maneira solidária, como uma só, e que garante que entre as coisas e seus nomes haja uma conexão aparentemente natural e necessária. O lugar da estranheza corresponderia a mergulhar neste corredor, neste espaço ambíguo do entre-duas portas, que normalmente é um espaço virtual e que passa neste momento de estranheza a se revelar como espaço de dimensões próprias e perigosamente elásticas.

Lacan assinala ainda que o *Unheimlich* se articula a uma paralisia, pois neste lugar entre as portas não há ação possível. Com efeito, se toda ação humana é regulada e definida pela relação entre as coisas e seus nomes e se a cola que a fixava, que fixava as duas portas, está perdida; se estamos imersos nesta dimensão do entre-dois, como agir, então, sobre o real? Neste sentido a metáfora do ‘entre

dois' indica bem a inércia do imaginário e é por esta razão que, no âmbito do Seminário *O Sintoma*, Lacan associa o estranhamento à inibição, colocando-o como obstáculo, como inércia imaginária, que a topologia dos nós ajuda a vencer:

Devo dizer que esta geometria dos nós, geometria bastante específica, original, é algo que exorciza esta inquietante estranheza. Há ali algo de específico. A inquietante estranheza advém incontestavelmente do imaginário (...); quero dizer que à medida em que o imaginário se desdobra segundo o modelo de dois círculos (...) que se associa ao imaginário do corpo, algo como uma inibição específica se instaura, se caracterizando especialmente pela inquietante estranheza.¹⁶

A angústia, por outro lado, corresponderia à dissolução deste espaço, do qual nada restaria senão o enquadre da porta que desemboca no real. Ela adquire assim todo seu valor ético como possibilidade, para o sujeito, de “arrancar do real sua certeza” em um ato que não seja, como habitualmente, saturado pelos determinantes simbólicos de uma história, previsto e regado desde sempre, e que, ao contrário, instaure retroativamente novos significantes e novas significações em uma vida.

Saber e nomeação do fenômeno

Para concluir, resta observar como, num caminho que vai da teorização do objeto à topologia, Lacan é capaz de distinguir *Unheimlich* e angústia. A partir desta abordagem, ultrapassamos a fronteira especular e nos situamos na encruzilhada estrutural dos três registros, real, simbólico e imaginário.

O tipo de distinção que vemos desenhar-se neste caminho pode servir de chave para abrir uma última vez nossa questão. É preciso perceber que o método indicado por Lacan, que tentamos aqui seguir ao pé da letra, implica em uma experiência, mais do que um saber, na origem do tratamento dado ao fenômeno numa análise. Isto se apresenta de numerosas formas no ensino de Lacan. No Seminário *A Angústia*, por exemplo, ele demonstra, em seu comentário do *Elixir do diabo* de Hoffmann, que só é possível atingir o objeto por um desvio. Toda a análise lacaniana do conto visa nos engajar nesta via. Nos meandros do texto «nos perdemos», diz Lacan, tocando a experiência por meio da qual «o sujeito acede ao seu desejo mas unicamente ao preço de se substituir a um de seus próprios duplos». Algo de um resto se transmite à medida em que estes duplos são

atravessados. A experiência de leitura desta novela se dá de modo análogo ao que se passa numa análise. Somente *a posteriori* será possível situar o resto desta travessia e assim organizar a elaboração de saber que ela travessia constituiu para o sujeito.¹⁷

Nosso percurso, através dos apontamentos de Lacan a respeito da relação entre a angústia e o sentimento de estranheza, deve ser situado da mesma forma. Por ter depreendido distinções de estrutura definidas por Lacan, obtivemos um ganho de saber que pode favorecer o manejo destes afetos em uma análise. Esclareceu-se entretanto como é impossível fazer consistir *a priori* este saber, uma vez que não é sua articulação imaginária com o real que decide o ato analítico. Só este ato poderá fazer com que uma nomeação, interpretativa por exemplo, implique em um novo enlaçamento RSI que venha a tocar no sintoma. Vemos, então, que só sob transferência e por meio do ato é que se pode operar uma ruptura. Como por exemplo, no momento em que um analisante, a partir do ato de nomeação, poderá falar de uma determinada experiência afetiva e situá-la na estrutura de seu discurso, no circuito de seus significantes mestres, enquanto estranheza ou despersonalização, medo, entre outros. O ato do analista pode, além disso, tomando suas coordenadas desta topologia, constituir o corte necessário para separar o sujeito deste lugar, por exemplo, de estranheza. É possível ainda, por fim, apostar numa certa abertura ao real que faça passar o infinito da angústia ao entusiasmo do infinito, ou ainda ao feliz encontro de um gaio saber.

¹ Cf. LACAN, J. *Le Séminaire, livre I, Les écrits techniques de Freud*, Paris, Seuil, 1975, pp. 254 à 297.

² Cf. sobre este ponto VIEIRA, M. “O catálogo e a chave”, *Opção lacaniana* n° 23, São Paulo, 1998.

³ FREUD, S. *Inquiétante étrangeté et autres essais*, Paris, Gallimard, 1985, pp. 213-263 (cf. em especial p. 246).

⁴ ANDRE, S. “A propos de l’inquiétante étrangeté”, *Actes de l’E.C.F.*, vol. X, 1986, p. 75.

⁵ BLANCHOT, M. *Thomas l’obscur*, Gallimard, Paris, 1950. p. 27/28 (retomado por Lacan na última seção de seu seminário sobre a Identificação).

⁶ LACAN, J. *Le Séminaire, livre I, Les écrits techniques de Freud*, Paris, Seuil, 1975, p. 240

⁷ “Eu estava sozinho num compartimento de trem, quando sob o efeito de um solavanco um pouco mais brusco que os outros, a porta que levava aos banheiros se abriu, e um senhor, já de certa idade, vestindo um *robe de chambre*, com uma touca de viagem na cabeça, apareceu em minha frente. Eu supus que ele havia se enganado de direção ao deixar a cabine que ficava entre dois compartimentos e que ele havia entrado onde eu estava por engano. Levantei-me rapidamente para esclarecer o engano, mas logo percebi, aturdido, que o intruso era minha própria imagem refletida pelo espelho da porta intermediária. Ainda me lembro o quanto esta aparição me desagradou. Ao invés de nos aterrorizarmos diante do duplo, tanto Mach quanto eu apenas não o reconhecemos. [Freud se lembra de uma história semelhante contada por E. Mach]. Mas o desprazer que sentimos com isso não seria, mesmo assim, um resto desta reação arcaica que sente o duplo como uma figura estranhamente inquietante?” FREUD, S. *L’inquiétante étrangeté et autres essais*, p. 257, nota 1.

⁸ “Pequeno *i* de pequeno *a*, sua diferença, sua complementaridade e a máscara que um constitui para o outro, eis o ponto ao qual eu queria conduzi-los este ano. Pequeno *i* de pequeno *a*, sua imagem, não é sua imagem, pois ela não representa este objeto da castração. Ela não é de forma alguma este representante da pulsão sobre o qual recai eletivamente o recalque, e por uma dupla razão: é que ela, esta imagem, não é nem sua *Vorstellung*, pois que ela mesma é um objeto, uma imagem real, um objeto que não é o mesmo que o pequeno *a*, que tampouco é o seu representante”. LACAN, J. *Le Séminaire, livre IX, “L’angoisse”*, inédito, lição de 27/6/62.

⁹ Cf. HEIDEGGER, M. *Être et temps*, Paris, Gallimard, 1986, p. 235.

¹⁰ Refiro-me aqui ao que Lacan indica no fim do Seminário *A Angústia* “Se nos não distinguimos o objeto *a* do *i(a)*, nos não podemos conceber o que Freud evoca e articula enfaticamente (...) sobre a diferença radical que ha entre luto e melancolia” (*Ibid.* seção de 3/7/63). Podemos talvez estender estas formulações à nossa questão para obter o seguinte: se nós não distinguirmos o objeto *a* de *i(a)*, não poderemos conceber a diferença entre a angústia e os outros afetos.

¹¹ Em seu *Seminário XI*, depois de circunscrever o objeto *a*, Lacan sublinha: «O mundo é *omnivoyeur*, mas não é exibicionista – ele não provoca nosso olhar. Quando ele começa a nos provocar o olhar, começa então o sentimento de estranheza». Do momento em que este mundo, que por olhar o sujeito o angustiava, se mostra exibicionista, passamos do real do olhar a uma dimensão que traz já em si os traços do desejo e da demanda - tal como vemos no quadro da perversão. O olhar passa de uma mancha a algo que se liga a uma imagem de objeto, *i(a)*, algo provido de sentido. LACAN, J. *Le Séminaire, livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964), Paris, Seuil, 1973, pp. 71/72.

¹² LACAN, J. *Le Séminaire, livre XII*, “Problèmes cruciaux pour la psychanalyse”, inédito, seção de 16/12/64. Não devemos então correlacionar este espaço ao eixo *i(a) – i(a)*’ do esquema ótico? Eis aí uma correspondência a ser explorada.

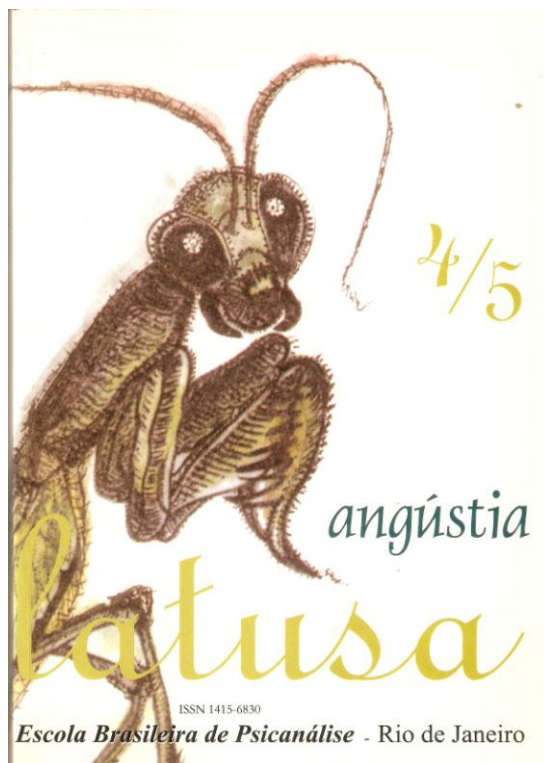
¹³ A este ponto preciso se liga a ética. S. André resume claramente estes desenvolvimentos: “E a outra vertente do pai primitivo – real – que Lacan revela no coração de nosso ato: isto pelo que o que Freud chama pai, se manifesta como objeto *a* oferecido como repasto ao desejo do Outro. E isto diante do qual Kierkegaard se detém, ao mesmo tempo, admirado e incrédulo, sentindo-se incapaz de aceder à suspensão da ética que esta posição implica – quer dizer, a travessia da posição paterna” (ANDRÉ S. *Op. cit.*, p. 78).

¹⁴ LACAN, J., *Op. Cit.*

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ LACAN J., *Le Séminaire, livre XXIII*, “Le Sinthome”, publicado em *Ornicar?*, n°6 à 11, Paris, Seuil, 1976-77, seção de 16.12.75.

¹⁷ Cf. VIEIRA, M.A., *L'éthique de la passion*, PUR, Rennes, 1998, pp. 220 e seguintes.



expediente

Romildo do Rêgo Barros
Editor
Vera Lucia Avellar Ribeiro
Secretária de Edição

Conselho editorial
Manoel Barros da Motta
Marcus André Vieira
Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros
Romildo do Rêgo Barros
Sara Perola Fux
Stella Jimenez

Comissão de publicação
Ana Lucia Lutterbach-Holck
Carlos Eduardo Leal
Elza Marques Lisboa de Freitas
Heloisa Caldas
Maria Aparecida Telles Bueno
Rosa Cuelles Lopez
Sara Perola Fux

Capa
Regina De La Rocque Mendes

ISSN
1415-6830

Nossos agradecimentos a
Clara Huber Peed
Contra Capa Livraria
Regina De La Rocque Mendes

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores

Todos os direitos reservados a:

Escola Brasileira de Psicanálise - Rio de Janeiro
<cbprio@ax.apc.org>
Rua Viúva Lacerda, 117 - Humaitá
CEP 22261-050 - Rio de Janeiro - Brasil
Telefax (55 21) 539-0960

SUMÁRIO

artigos

- 11 A angústia e o nada: Freud e Heidegger
Maria Angela Maia
- 19 A angústia de Hans e o amor perdido de Max Graf
Ana Martha Wilson Maia
- 29 O ex-sistencial da angústia
Gilsa F. Tarré de Oliveira
- 49 Sobre a angústia (*die Angst*), em Freud
Grazielle Maia
- 67 Sobre a dor
Sara Perola Fux
- 79 Angústia e final de análise
Ana Lúcia Ribeiro
- 94 Pânico e angústia
Carlos Augusto Nicéas
- 105 S(A)
Celso Rennó Lima
- 115 Angústia e limites da interpretação
Marcia Botelho de Souza
- 123 A inquietante estranheza: do fenômeno à estrutura
Marcus André Vieira
- 139 Hamlet: do saber sem ato ao saber em ato
Ricardo de Sá
- 153 Simbolicamente Real
Sônia Vicente